



**CESPU FORMAÇÃO ANGOLA, SA**

**BENGUELA**

**PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**Projecto de Investigação para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde**

**Crenças sobre violência conjugal em casais angolanos  
da província de Benguela**

***DOMÍNIO:*** *Comportamento transgressivo*

***ÁREA:*** Psicologia

Zibilina Arlete Chicula

**Orientador:** Prof. Doutor José Carlos Caldas

**GANDRA**

**2010/11**

**CESPU FORMAÇÃO ANGOLA, SA**

**BENGUELA**

**PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

## **TEMA**

**CRENÇAS SOBRE VIOLÊNCIA CONJUGAL EM CASAIS  
ANGOLANOS DA PROVINCIA DE BENGUELA.**

## **JUSTIFICAÇÃO DO TEMA**

Já há muito tempo, Angola vem lutando contra o problema da violência conjugal. Entretanto só a partir do ano 2011 é que a violência conjugal passou a ser crime, mas esse problema não teve resolução.

Na verdade a situação piorou.

Muitos dos casos são encobertos pelas próprias mulheres, não denunciam, para algumas parece ser normal, o que preocupa não só as entidades superiores como também a população em geral.

Dai a pertinência do tema. Com este trabalho procuro investigar quais as crenças, ou seja, o que leva as mulheres a aceitarem tais agressões, a não denunciarem.

No sentido prático, o conteúdo temático deste trabalho, se reveste como guia de consulta para entidades locais, no sentido de se criarem programas de sensibilização a população, principalmente a mulheres.

## RESUMO

A violência conjugal, se manifesta no quotidiano de alguns casais como facto repetitivo, cruel, por vezes naturalizado.

Mais de um bilhão de mulheres no mundo (em cada três) foram espancadas, forçadas a manterem relações sexuais ou sofrerem outro tipo de abuso, (CFMEA 2007,p.16).

Segundo a Sociedade Mundial de Vitimologia (IVW), ligada ao governo da Holanda e a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil é o país que mais sofre com a violência conjugal: 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas a este tipo de violência (CFMEA, 2007,p.12). No Brasil a cada 15 minutos uma mulher é espancada.

Mas de nada adianta falarmos de outros países, quando no nosso temos muito do que nos envergonhar.

Segundo diversos meios de comunicação social (rádio, televisão, jornal...), a violência conjugal em Angola tem aumentado consideravelmente. A questão é, terá aumentado ou existe maior conhecimento sobre situações deste género.

Aparentemente, em 2008, foram registados cerca de 640 casos, sendo que 424 (Global Voices 2009) destas situações foram resolvidos com aconselhamento profissional e os restantes encaminhados para o órgão de justiça. Este número é superior ao registado em 2007, o que significa provavelmente que as vítimas começam a recear menos as apresenta queixas as autoridades competentes, o que por si só, representa um passo importante nos abusos.

Foi neste contexto que decide levar a cabo o estudo sobre crenças sobre violência conjugal, numa amostra de 332, sendo 163 homens e 169 mulheres.

O instrumento a ser utilizado neste estudo será escala de crenças sobre violência conjugal (ECVC),de Machado, Matos e Gonçalves (2006). O estudo teve como objetivo, analisar quais as crenças que homens e mulheres Benguelenses têm acerca da violência conjugal.

Relativamente ao resultado do estudo feito verificou-se que os homens apresentam valores mais elevados de crenças.

**Palavra-chave:** crença; violência doméstica, violência conjugal.

## **SUMMARY**

The matrimonial violence, shows in the everyday of some women as repetitive fact, per times naturalized.

More than one billion women in the world (in each three) they were beaten, forced she maintain sexual relationships or they suffer another abuse type, (CFEMEA 2007, P.16).

According to the world society of vitimologia (IVW), linked to the government from Holland and UN, Brazil is the country that more it suffers with the matrimonial violence: 23% of the Brazilian women are subject to this violence type (CFMEA, 2007, P.12). In Brazil every 15 minutes a woman is beaten.

But of anything it is fast speak of other countries, when in ours we have a lot to be embarrassed.

As several means of social communication, the matrimonial violence in Angola has been increasing considerably. The subject is, it will have increased or larger knowledge exists about that situation.

Seemingly, in 2008, they were registred about 640 cases, and 424 (global voices - January 2009) of these situations they were resolved when advising professional and the remaining ones directed for the organ of justice. This number is superior to the registred in 2007, what means as already referred, to the victims' facto not to fear more to present complaints the competent authorities, which by itself, it acts in order to give for finds the abuses.

Word-key: faith; domestic violence

## **Agradecimento**

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, por me ter dado força para continuar e vida para chegar até ao fim.

Ao meu orientador, incansável, amigo e acima de tudo bom professor, Doutor Caldas, pela maneira sábia como me conduziu.

A todos os professores, que durante a minha formação deram o seu melhor na transmissão de conhecimentos.

A Direcção da CESPU, em especial a Doutora Márcia, pela paciência, disponibilidade e amizade.

Ao meu esposo, Edvaldo de Mendonça, pelo amor, carinho, compreensão e ajuda nos momentos em que pensei desistir.

A direcção da OMA e do Instituto Médio Normal de Educação (IMNE), pela compreensão e disponibilidade

O meu profundo agradecimento é extensivo ao meu pai Pascoal Chicula, aos meus irmãos (Benvinda, Tony, Afonso, Ico, Nice, Tucha, Tucho), aos meus sobrinhos, pela paciência, durante o período da elaboração do presente trabalho.

Aos meus amigos, aos que directa ou indirectamente favoreceram o êxito deste trabalho.

A todos, o meu Muito Obrigado.

## **Lista de abreviaturas**

E.C.V.C - Escala de Crenças sobre Violência Conjugal

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

OMA – Organização da Mulher Angolana

MINFAMU- Ministério da Família e Promoção da Mulher

PNUD- Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento

VBG- Violência baseada no Género

## ÍNDICE GERAL

pág.

.

Resumo.....

Abstract.....

Agradecimentos.....

Lista de abreviaturas.....

Índice geral.....

Lista de anexos.....

Índice de quadros.....

Índice de tabelas.....

Introdução geral.....



## Parte I

### Enquadramento teórico

#### Capítulo I

##### Construtos teóricos relevantes

##### INTRODUÇÃO

- 1.1. O que é a violência doméstica?
- 1.2. O ciclo da violência
- 1.3. Panorama, registos e análise sobre a problemática de violência conjugal em Angola
- 1.4. Os meios de comunicação como modelo de conduta
- 1.5. Maus tratos e saúde física, psicológica e espiritual
- 1.6. Violência e auto-estima feminina
- 1.7. Mitos em torno da violência doméstica
- 1.8. Mitos sobre o agressor e a família agredida
- 1.9. Papel das autoridades governamentais na intervenção e prevenção da violência conjugal.

## PARTE II

### Objectivos Gerais

### Hipótese

## CAPÍTULO II

### **Aspectos metodológicos**

- 2.1 - Desenho metodológico
- 2.2 - Participantes
- 2.3 - Distribuição da amostra
- 2.3.1 - Segundo a idade

2.3.2 - Segundo género

2.3.3 - Segundo as habilitações

2.3.4 - Segundo o estado civil

2.3.5 - Segundo a profissão

3 – Instrumentos

Inquérito sobre crenças

Procedimento

## **CAPÍTULO III**

Apresentação dos resultados

Conclusões e considerações finais

Referências bibliográficas

Anexos

## INTRODUÇÃO

O termo violência significa uma acção consciente, intencional, envolvendo os corpos quer do agressor quer da vítima, com o objectivo de infligir mal numa outra pessoa. A violência não deve ser entendida como um sintoma mas como um comportamento, ou mais precisamente, como um padrão de reacção que prepara o ser humano para se defender na presença do perigo (Fleming, 2003,p.209-210).

Para Veiga (1994), crença é uma convicção subjectiva, sem uma fundamentação objectiva e sem pretensão de dá-la. Em ciência da religião a crença é uma concepção irracional da existência que afecta o núcleo da pessoa humana.

Segundo Beck (1979; 1990,1997) a forma como interpretamos e avaliamos aquilo que nos rodeia depende em grande medida de fenómenos cognitivos dotados de alguma estabilidade: “as crenças”. Segundo este autore, as crenças são desenvolvidas desde a infância e ao longo da vida do indivíduo, sendo fortemente modeladas e influenciadas pelas experiências e pelo contexto em que este se insere (Beck, 1990; Beck, 1997). Enquanto conteúdos específicos dos esquemas cognitivos, as crenças desempenham um papel fundamental no processo de processamento cognitivo da informação (processo este que se inicia na selecção da informação, passa por uma activação afectiva e motivacional e culmina na implementação de uma estratégia) (Beck, 1979; 1990).

Apesar da sua importância, as crenças são conceitos extremamente difíceis de medir ou quantificar, em grande medida pelo seu carácter profundo e pouco acessível a consciência (Beck, 1997). Assim a forma mais comum de analisar as crenças passa pelo estudo das atitudes do indivíduo, descrita com predisposições para avaliar determinados objectos de forma favorável ou desfavorável, por estas serem uma expressão directa das crenças do indivíduo (Alzen & Cote, 2008; Schwarz, 2008). As actitudes são conceitos extremamente interessantes na medida em que ficou já demonstrado empiricamente que exercem forte influência sobre o comportamento e processos de tomada de decisão do indivíduo, quer seja de forma directa ou indirecta (Alzen, 1988; Fazio, 1990).

Os conceitos de crença e atitude podem ser utilizados para compreender uma grande variedade de fenómenos, entre os quais se conta uma problemática actual de extrema relevância: a violência conjugal. Este tipo de violência, pelas suas características e especificidades, revela-se de difícil definição e o seu estudo reveste-se de algumas particularidades.

Para entender a perpetuação do ciclo de violência, Ravazzola (1998) defende que ocorre uma verdadeira anestesia ou “duplo cego”. Nesse processo, a pessoa tira do seu campo de consciência uma parte da experiência e fica incapaz de sequer perceber essa falta, o que, por um lado assegura sua sobrevivência, mas por outro, a mantém presa ao ciclo racional abusivo.

O agressor se sente vítima do comportamento da mulher ou dos filhos; teme a independência destes; não percebe o sentimento dos outros e nem consegue nomear sua insegurança, e por isso tem que controlar a acção destes e evitar a intervenção de terceiros na dinâmica de sua família. A vítima se sente inferior e destituída de poder sobre sua própria vida; acredita que deve cuidar dos outros, em detrimento de si mesma; possui baixa auto-estima, desconhecimento de seus recursos pessoais e seus direitos, acredita que há algo errado em si mesma e alimenta sentimento de culpa pela violência que sofre.

O presente trabalho consiste no estudo de crenças sobre violência conjugal em casais angolanos na Província de Benguela, isto é, quais as crenças dos casais relativamente a violência conjugal, num universo de 332 indivíduos.

# CAPÍTULO I

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

## 1.1. O que é a violência doméstica?

Denomina-se como sendo toda acção ou conjunto de acções realizadas, que utilizam abusivamente o poder para conseguir domínio sobre uma pessoa, forçando-a e atentando contra sua autonomia, integridade, dignidade ou liberdade (Ángel Núnes Miguel, Amores que matam, 2005).

Definir a violência doméstica nesses termos implica admitir que a maior parte dos incidentes de violência física e psicológica ocorrem no marco de uma das relações que, deveria ser, por definição, a que ofereça mais protecção e refúgio”o casamento e o lar”. A verdade é que no ambiente conjugal é onde as mulheres estão mais expostas a ver-se inseridas na violência, em carácter de vítimas e não de agressoras.

## 1.2. O ciclo da violência

A violência doméstica tem um comportamento cíclico. Não é casual nem na forma nem no momento em que ocorre.

O ciclo não ocorre de maneira mecânica, mas tem elementos característicos que permitem prever qual será o momento seguinte. Os ciclos permitem determinar alguns padrões de conduta que mostram com certeza a situação na qual um casal está.

Segundo Lenore Walker (cit,Ángel,2005) o ciclo de violência desenvolve-se em três fases: tensão, explosão e lua-de-mel.

1- **Tensão** – nesta fase acumula-se tensão no casal. O agressor vai acumulando situações que o incomodam. É como um vulcão que está a ponto de entrar em erupção.

A tensão não tem uma razão justificável. Simplesmente agrava-se por iras reprimidas que vão se acumulando.

Quando já tenha ocorrido uma experiência de violência, as mulheres começam a perceber pequenos indícios que mostram que o homem está cumulando tensão e que, em qualquer momento vai explodir.

Muitas mulheres, temendo um ataque de ira, se comportam da melhor maneira possível durante esta fase, acreditando que assim conseguiriam que seus companheiros se acalmassem. Mas todas as suas tentativas de apaziguar a situação terminam sendo entendidas como provocação pelo homem violento, que só está esperando um momento de clímax da tensão para explodir.

Neste ponto a mulher sente-se cada vez mais perplexa e vive seu próprio momento de tensão. Especialmente se já vivenciou um episódio de violência, este momento é mais difícil porque ela começa a viver um momento de expectativa, esperando que a qualquer momento ele possa explodir.

A vítima começa a viver em estado de ansiedade crescente. É especialmente nocivo quando já se tenha vivido um incidente de violência, porque a mulher já sabe o que vem.

- 2- **Explosão** – esta fase vem imediatamente depois da tensão. É o momento em que se produz a agressão severa e o instante em que a vítima corre mais perigo, porque normalmente a um momento em que a ira do homem é tão incontrolável que cega.

Neste momento a ira se expressa de muitas formas, a pessoa insulta, diz palavras ásperas, bate, joga objectos, quebra paredes, destrói coisas especialmente valiosas para a mulher, embriaga-se para se dar valor, permanece mudo durante dias, briga com outros, tem um romance, compra coisas caras e inacessíveis ao seu orçamento, brinca com os sentimentos de suas companheiras, rejeita a mulher, força as relações sexuais, chegando até a violação marital, envergonha a sua parceira em público, narra situações particulares as suas costas, ameaça levar os filhos e interna-la em um hospital psiquiátrico, prima os sonhos a sua companheira, etc.

A explosão não segue um padrão exacto. A única coisa que se pode dizer é que esta é a fase de maior dano para a vítima. E quando se desprende toda a ira contida é acumulada e surge no homem uma personalidade que é desconcertante até para ela mesma.

- 3 - **Lua-de-mel ou manipulação afectiva** – deve-se ser cuidadoso com esse nome, porque pode ser um equívoco. Na verdade é uma fase de manipulação afectiva.

Muitos homens após seus acessos de ira e maus tratos físicos e emocionais, pretendem reconciliar-se. Na mente, de muitos

agressores, a forma de reconciliação não é ter relações sexuais. Pretendem levar suas vítimas para cama para relacionar-se sexualmente com elas. Muitas mulheres costumam ficar confusas por essa conduta. Mas na realidade, não é um relacionamento sexual sadio; ao contrário é um acto de posse, e isso é agressão.

Lamentavelmente, na mente de muitos homens violentos e de muitas mulheres que se deixaram manipular pela violência, supõe-se que os problemas de maus tratos se acertam na cama.

A realidade mostra o contrário.

Com isso, só se está reiniciando o processo. Se a mulher agredida se nega a ter relações sexuais nesse momento, por estar ferida física e emocionalmente, o mais provável é que o homem violento iniciará uma série de acções de conquista. Trará flores, será amável, tentará consertar o que fez e terminará confundindo a vítima.

O mais lamentável do ciclo de violência é que segue um padrão repetitivo e, à medida que as situações de violência se sucedem, o ciclo se torna mais rotineiro, as etapas mais curtas e a violência mais intensa.

**Negação** – um dos aspectos surpreendentes da violência é a síndrome de negação, que ocorre tanto no vitimador como na vítima.

O agressor geralmente, nega o abuso até ao ponto de se auto enganar ou racionaliza-lo de forma tal que, por meio da negação, o homem violento continua ferindo sua companheira. A maioria não deseja aceitar que está fazendo algo incorrecto. Essa atitude é que permite que o problema dure tanto tempo, porque facilmente se esconde frente às pessoas que rodeiam o casal.

A negação é camuflada de muitas formas. Nenhum abusador o é da noite para o dia, o processo ocorre lentamente, ainda que o factor desencadeante seja rápido. Há centenas de processos que se sucedem no transcurso do tempo que vão formando uma história de pequenos e constantes abusos que criam as condições para chegar a agressão criminosa.

A forma mais comum de negação é minimizar, racionalizar e justificar os incidentes de violência. Lamentavelmente, muitas das vítimas são manipuladas de tal modo que caem no jogo do violento, muitas pessoas que estão ao lado do casal terminam apoiando os argumentos do abusador, em parte porque é tão terrível admiti-lo e,



também, porque existe uma espécie de cumplicidade masculina da violência.

Outra forma de negação é a racionalização, que consiste em procurar argumentos que convençam tanto o agressor com o agredido de que o ocorrido tem uma razão explicável e, quase sempre, atribuído ao agredido e não ao agressor. O perigo da racionalização é que, finalmente, a pessoa entra na esfera da mentira ou da fantasia, acreditando na história que inventou e, lamentavelmente, convencendo a outros que seus argumentos são verdadeiros.

*Meu marido bate-me sempre, ele diz que eu sou a culpada porque não cumpro com os deveres de casa. Eu acho que ele tem razão, devo deixar de ter amigas e cuidar da minha casa'. (palavras de dona M).*

Finalmente, a justificativa é outra via de negação. Justificar é dar razões para explicar por que está bem o que se fez. Em muitos casos, o vitimador se apresenta com vítima da situação.

De certo modo a negação é uma forma de sobrevivência. É a forma que se tem para viver consigo mesmo e com o monstro que habita no interior.

### **1.3 - Panorama, registos e análise da problemática sobre violência conjugal em Angola.**

Estudos feitos sobre a violência doméstica em Angola pelo Ministério da Família e Promoção da Mulher (MINFAMU) e seus parceiros das nações unidas (NU) nomeadamente o programa das nações unidas para desenvolvimento (PNUD) FNUAP, UNIFPA, e UNIFEM, realizado em 5 das 18 províncias dos pais, o estudo feito de Setembro a Dezembro de 2007 em 5 das 18 províncias do país, nomeadamente Benguela, Huambo, Huila, Malanje e Luanda, o estudo visou compreender a problemática da violência baseada no género (VBG) de forma a contribuir para a formulação de políticas e estratégias governativas e comunitárias de combate a violência doméstica; a fim de se promover nos países um processo de educação e cultura de tolerância, assente

na perspectiva de igualdade e equidade entre homens e mulheres nas famílias”. Entender a situação da violência doméstica em Angola, pois segundo as autoridades, os níveis estariam a aumentar, muitas pessoas sustentam a ideia de que a principal causa da violência doméstica é a pobreza, material e outras opiniões quase unânime defendida pela maioria das mulheres entrevistadas é a de que, a violência doméstica manifesta-se principalmente na forma de violência física contra as mulheres.

Sobre um eventual aumento da violência, com a excepção da província de Malanje e Luanda, onde os dados e todas as pessoas entrevistadas reconhecem haver aumento dos casos de violência, nas restantes províncias, de todas informações chave de entrevistas sobre o assunto, somente um (sacerdote católico) afirmou ter havido um aumento da violência doméstica no período 1978 a 2007 (segundo o padre, antes de 1978 os angolanos eram pobres por isso não tinham excedentes para gastar com amantes ou constituir segundas famílias).

Todos são unânimes em reconhecer que não se trata de haver um aumento de casos de violência, o que se passa e que há uma maior publicitação e socialização do fenómeno, através dos órgãos de difusão (rádio e televisão) e da imprensa escrita. As vítimas tem agora mais coragem para denunciar os seus agressores e os violadores do que outrora.

Em relação as causas da violência a pesquisa revelou, que a principal causa deste fenómeno não é a pobreza material, é mais correcto afirmar que a violência doméstica é causada por motivos económicos, do que propriamente pela pobreza! Na verdade tem havido mais violência entre famílias economicamente mais estáveis (pessoas bem posicionadas, e bem remuneradas) tanto quanto, entre famílias consideradas, mais pobres (pessoas sem ocupação ou com emprego mal remunerados). Portanto, em Angola, tanto a escassez como a abundância de dinheiro são causas de violência doméstica.

*Os homens quando começam a ganhar mais dinheiro arranjam já muitas mulheres, até se formos a ver quando o homem não tem dinheiro é mais*

*sossegado chega cedo em casa e arranja poucos problemas, no dia que tiver carro e dinheiro a (i...) são palavras de uma anciã entrevistada.*

Uma análise mais profunda da questão revelou que a má distribuição de renda familiar por parte do marido, ou a fuga da responsabilidade em apoiar financeiramente os filhos (a paternidade), por parte de casais separados, são apontados como as maiores fontes de violência doméstica entre os conjugues (ou ex conjugues).

Muitos casos de violência doméstica, nas famílias por parte do marido, esbanjamentos do seu salário e outros recursos, a seu bel-prazer, em detrimento do bem-estar da família. Nas famílias mais pobres (onde o marido é desocupado) o desejo de gerir as receitas da esposa tem sido a principal causa de violência.

No primeiro caso, esse comportamento egoísta do marido, geralmente provoca ciúmes na mulher contra os amigos ou “catorzinhas” com os lares polígamos. O ciúme resulta em discussões constantes estas por sua vez em ofensas morais e psicológicas que conduzem a agressões físicas entre o casal, e lamentavelmente, só quando há lesões, ou chamadas afensas corporais graves e que o problema é considerado o crime pelos autoridades e instâncias de direito, uma lacuna da lei que é urgente ser superada. Há uma tendência dos casais nos quais a esposa obtêm mais rendimentos, e o homem é desocupado, haver muitos conflitos o homem torna-se agressivo, porquanto sente-se diminuído na sua dignidade, pois tradicionalmente o marido é tido como o “ganha-pão” e gestor de receitas da família.

A recusa do cumprimento das normas tradicionais sobre a herança, a devolução” alambamento” quando a mulher decide separar-se do marido a punição do adultério, etc; tem sido igualmente uma fonte permanente de conflitos geralmente envolvendo toda família alargado. Este tipo de violência é resolvida de diferentes formas por diferentes povos por ex: na província da Huíla mais concretamente no Município da Ghibia o povo Nhaneka- Humbe encara de forma mais pacífica o adultério do que os povos das restantes 4 províncias, nomeadamente ovimbundu (Benguela e Huambo) kimbundu (Malanje) bem como os habitantes de Luanda.

O homem apanhado em flagrante com a mulher alheia, paga ao ofendido um certo número de cabeça de gado bovino, em função do número de anos que o ofendido viveu com a mulher. Esta prática tem sido aproveitada por certos homens para extorquir gado a outros, sem se importarem com a dignidade de suas esposas instruem-nas para se envolverem sexualmente com outros homens detentores de muito gado para serem indenizados.

Uma análise mais profunda do complexo esquema de relações causa-efeito entre os diversos problemas que contribuem para a ocorrência do que chamamos “aumento da violência doméstica”, ai onde ele ocorre, indica que a causa mais profunda do fenómeno é o colapso do sistema nacional de educação, sobretudo a educação moral e cívica e a formação profissional.

A perda de valores morais, a preparação inadequada dos jovens para a vida, a deficiente formação moral e profissional, e segundo os entrevistados religiosos, o afastamento do ensino da religião, está na base do actual estado da sociedade que tem.

A violência moral e psíquica não é visível, porém, ela é muito grave e traumatizante do que a física. Depois há o aspecto cultural. Tradicionalmente a mulher que é a principal vítima, foi preparada a aceitar a violência. Há mesmo um grande paradoxo: considera-se mais virtuosa a mulher que guarda segredo dos problemas do lar inclusive as agressões morais e físicas do que aquela que os denuncia. Palavra de um sacerdote católico. O número de casos de denúncia de violência no qual o homem é a vítima, e a esposa ou a amante a agressora, também tende a aumentar. Certamente, como foi dito acima, a pesquisa revelou que a violência manifesta-se primariamente na forma de ofensas morais e posteriormente, evolui para a agressão física contra a mulher, mas os centros de aconselhamento familiar, os comandos provinciais ou municipais da polícia e as procuradorias, tem registado casos em que o ofendido (neste caso a vítima) é o homem.”Eis o que um dos entrevistados disse a respeito: *”os homens, talvez, por causa do orgulho tem mais dificuldades de denunciar esses casos, prefere o silêncio do que a denúncia; quando um homem diz que foi batido, as pessoas e até mesmo as autoridades, questionam-se como se deixou bater?!”*.

A violência contra o homem, geralmente acontece quando o homem está embriagado, a mulher saturada com as humilhações do marido ou amante, aproveita o estado de fragilidade física deste, devido a embriagues, e golpeia-o com um objecto muito duro ou água quente, causando-lhe ferimentos graves ou mesmo a morte.

A opção por parte da vítima da violência doméstica pela instituição capaz de dar solução ao seu problema, é influenciada por questões económicas, e varia em função da área de residência. Os moradores das zonas urbanas e peri-urbanas procuram o apoio da policia, dos centros de aconselhamentos e das igrejas, enquanto que no meio rural procuram as autoridades do poder tradicional e a família. Em algumas Províncias, as igrejas são as mais preferidas que a policia e as autoridades tradicionais pois estas ultimas exigem o pagamento de multas, castigos ou ainda.”Molhar as mãos do juízes tradicionais “, o que nem sempre esta ao alcance dos agressores e violadores.

Dos vários tipos de violência doméstica identificados durante o estudo, apenas as ofensas corporais com ferimentos graves, o homicídio, a difamação, a injúria, burlas e furtos, estão tipificados como crime no código penal. Os restantes, sobretudo os actos de violência domestica mais dramáticos tais como ofensas morais, violência psíquica, fuga a paternidade, adultério, poligamia, despejo familiar e ameaças de morte, apenas para citar alguns, não estavam tipificados, mas desde o ano de 2011 foi aprovada uma nova lei e já são considerados crimes e punido por lei.

O governo de Angola, através do MINFAMU e seus parceiros, tem realizado alguns estudos e publicados vários relatórios, tem organizado vários fóruns e participado em alguns eventos internacionais, que por si so, demonstram a crescente preocupação na abordagem das questões sobre violência doméstica. Por outro lado, os órgãos de comunicação social, nomeadamente a rádio e a televisão, os jornais, e vários grupos teatrais, vêm exercendo de um tempo a esta parte, um grande papel que tem contribuído bastante na consciencialização da sociedade angolana em geral , no despertamento das pessoas e das vitimas da violência domestica em particular, na denuncia dos agressores e violadores , uma pratica que não era frequente.

Em muitos casos, esta atitude corajosa de algumas vítimas (a maioria ainda prefere não denunciar os seus agressores por medo de represálias ou de vir a perder alguns bens materiais, ou por medo de perder o seu lar) e confundida com o aumento dos níveis de violência.

## **1.4 Os meios de comunicação como modelo de conduta**

### **1.4.1 - A família e os meios de comunicação**

Um dos efeitos da televisão, cinema, revistas, internet e jornais é que frequentemente apresentam imagens estereotipadas do que deve ser a conduta ideal das pessoas.

*No nosso país, em particular na província de Benguela a juventude imita tudo o que passa na TV, principalmente nas telenovelas. Na nossa cultura a mulher deve encarar o marido como autoridade máxima no lar, deve respeitá-lo, cumprir o que ele manda sem discutir. Anteriormente a mulher era submissa, mas atualmente isso já não acontece, para alguns homens a situação piorou desde que foi aprovado na lei que as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, desde então elas já não cumprem com os deveres conjugais. Querem viver imitando as atrizes das telenovelas. E os homens não querem assumir as suas responsabilidades. O que na minha opinião fomenta violência no lar.*

Muitas famílias dos, meios de comunicação, seja em filmes, telenovelas ou noticiários, são apresentados com sérios problemas de convivência como se isso fosse a norma, quando na realidade não é.

Há pessoas que agem mal todos os dias. Hoje o jornal diz que um homem apunhalou a esposa. Uma notícia trágica. Mas onde noticiam que milhares de homens hoje levaram flores à esposa, e sobre aqueles que nos dias anteriores elogiaram as esposas com palavras de carinho e cordialidade?

Os actos nobres não são preocupação massiva nem argumento de telenovela. O esforço e o desprendimento não ocupam as colunas dos jornais, revistas ou noticiários.

É raro observar famílias funcionais na mídia. As maiorias das famílias apresentadas são dramaticamente complicadas. A tendência é catalogar e julgar o comportamento familiar a partir desses modelos.

#### **1.4.2 – A mulher e os meios de comunicação**

Os personagens do cinema, telenovelas e seriados, frequentemente apresentam a mulher como dependente. Quando se mostra uma mulher de sucesso, o que é raro, a tendência é apresentá-la como problemática no meio familiar e bem sucedida no profissional. A maioria das mulheres de êxito no cinema e na televisão são exibidas como ambiciosas, agressivas, solitárias e com más relações humanas. Além disso, com dificuldade de viver uma vida matrimonial estável. O normal é que a mulher seja mostrada com características infantis. Não tendo vida própria senão a partir e em relação com o marido ou parceiro.

A mídia tem um papel fundamental ao transmitir determinado estereótipo da mulher. Não é de estranhar que as mulheres bem sucedidas, independentes e líderes sejam estigmatizadas pela mídia como pessoas complicadas e com as quais é difícil relacionar-se.

Se você se torna independente, arrisca-se a ficar sozinha, amarga e só com o teu êxito. Isso é coação moral, sem sombra de dúvidas, da qual a mídia é cúmplice.

#### **1.4.3 - Efeitos na cultura e civilização**

Um dos símbolos do nosso tempo é a violência louca em todos os sentidos e no âmbito de todas as realidades humanas. Entretanto poucos percebem que há um círculo vicioso em que a mídia veicula uma visão fatalista e distorcida da realidade, que por sua vez configura uma imagem equivocada de si mesmos nos seres humanos, que os leva a observar o mundo sob padrões equivocados. A única forma de mudar esse efeito é reinterpretando a realidade e assinalando-lhe outro tipo de padrões e modelos.

A mídia está transmitindo informação enviesada em muitos aspectos sobretudo no que se refere à relação homem - mulher.

#### **1.4.4 – Violência contra a mulher e a mídia**

Frequentemente a informação, a maior parte da informação que se prevê nos meios de comunicação de massa a respeito da violência doméstica é inadequada, sentenciosa, irrelevante ou estereotipada.

Fala-se de violência doméstica quando houve um desenlace fatal chega-se assim a considerar, assim, a considerar que a violência doméstica é sempre um assunto associado com morte. A realidade é que muitas das pessoas que sofrem violência em seu lar nunca morrerão por isso, ao menos fisicamente. A maioria sofrerá um comprometimento considerável em sua saúde psicológica e por isso terá consequências definitivas em sua vida, mas isso não chegará a mídia, porque não é sensacional.

Se não conseguirmos distanciar-nos da informação que a mídia apresenta para conseguir entender o que é saudável e o que é incorrecto, então, dificilmente poderemos ajudar efectivamente as vítimas de maus tratos.

### **1.5 – Maus – tratos e saúde física, psicológica e espiritual**

Há uma grande quantidade de estudo a nível mundial que mostram que a violência doméstica já é, sem sombra de dúvida, uma das principais causas da perda da saúde da mulher. Há inúmeras doenças crónicas, tanto física como mentais, que estão directamente relacionadas com maus – tratos intrafamiliares.

Nem todas as mulheres reagem da mesma forma, mas, em geral, tem-se configurado o que alguns chamam de “síndrome da mulher maltratada”, que independentemente da latitude ou país, tem elementos similares.

#### **Consequências psicológicas**

O comprometimento psicológico é tão grave que são precisos anos para conseguir recuperar-se, muitas mulheres são tão prejudicadas pelo abuso que necessitam de tratamento especial para abandonar o lugar de vítima e converter-se em sobrevivente.



## **1.6 - Violência e auto-estima feminina**

Todo ser humano necessita de ter um bom conceito de si mesmo.

Para que cada pessoa se envolva de maneira equilibrada, esse auto conceito deve ser positivo.

No caso da violência física e psicológica contra a mulher, somam-se a situação de agressão os conceitos que a pessoa desenvolveu através da sua vida, por influência de seu meio familiar e pelo discurso social, religioso, comunicacional e educativo que recebe.

No plano familiar, é comum que muitas mulheres cheguem a aceitar a violência porque foram condicionadas desde meninas que, se alguém é castigado, é porque merece. Muitas mulheres chegam até a ter complexo de culpa frente a agressão pensando que são merecedoras do castigo.

Paralelamente a subcarga da mulher que exerce uma atividade profissional externa torna cada vez mais presente a noção de dupla jornada de trabalho. Neste caso, quando se assiste a uma redução das tarefas domésticas para estas mulheres, tal resulta mais do decréscimo do número de horas que a elas dedicavam, ou da sua delegação em empregadas, do que a uma contribuição do homem (Kellerhals, Troutot e Lazega, 1989:55-56; Singly 1987:60-61; Saraceno, 1992:187). Mesmo quando as mulheres delegam estas tarefas, seja como forma de trabalho familiar, seja sob forma de trabalho pago, é sempre, o gênero feminino que permanece como elemento determinante (Torres, Silva, Monteiro, Cabrita e Jesus, 2000:8)

Verifica-se por outro lado, que alguns dos constrangimentos à participação dos homens na vida doméstica não emanam necessariamente da sua vontade, situando-se também nos efeitos do gênero que atuam nos próprios contextos profissionais (Torres, 2000).

No plano social, é frequente observa que a sociedade em geral defende padrões comportamentais que não só asseguram, mas que encorajam condutas de violência familiar. Ditos como, toda mulher bem merece um par de bofetadas de vez em quando, ou se não bater na mulher ela não vai acreditar que você o ama.

No âmbito comunicacional das telenovelas apresenta-se uma visão misógina da mulher, onde se mostra um masoquismo feminino que beira à estupidez. As mulheres são estereotipadas; devem suportar a agressão e não só isso, devem chegar a querer tal situação. As características masculinas estereotipadas são de imposição de seus desejos à força, se necessário com violência, porque os homens são assim. Qualquer mulher que se atreva a

desafiar os critérios e/ou opiniões dos homens é merecedora da sua ira, descontrolo e agressão. No ambiente do melodrama, é bem merecido, por sair do estereótipo. O padrão é similar, independentemente se a telenovela é da Venezuela, Estados Unidos, Brasil ou Itália.

No meio educacional, alguns professores costumam apresentar exemplos estereotipados a seus alunos: as menininhas são quietinhas e não gritam; meninos não devem chorar; mamãezinha fica em casa enquanto papazinho sai para o sustento, assim que o pai chega deve-se atendê-lo, porque ele vem do trabalho; as vezes o pai se irrita, mas deve-se entendê-lo, porque vem cansado do seu trabalho.

Ao transmitir-lhes o efeito dos seus estereótipos a mente de seus alunos, alguns educadores reagem dizendo que essa é a realidade, e que é necessário apresentar-lhes o que é o quotidiano para não confundir a criança. Esse ponto de vista é absurdo e nega o valor fundamental da educação que é de mudar os conceitos, as estruturas mentais e formar pessoas capazes de pensar por si próprias a ponto de chegar a proposições diferentes de seu meio familiar.

Muitas mulheres suportam em silêncio os maus-tratos porque temem serem abandonadas se reagirem, e não sabem como enfrentar economicamente o seu futuro e de seus filhos.

Nesses casos, a mulher se apresenta como uma pessoa que não somente deve estar disposta a receber maus-tratos, mas também deve aceitá-los como algo normal.

O que pouco se defende é que os estereótipos de género não se mostram a essência masculina ou feminina, mas que são resultado da história de cada tradição cultural. Não têm maior estabilidade, dignidade ou essência que os demais artefactos culturais. O primeiro passo para a superação dos modelos estereotipados é criticá-los, duvidar deles, estabelecer critérios que permitam às pessoas escolher com liberdade e decisão pessoal, e não com determinismo sociais que nada têm que ver com a essência do que significa ser humano.

Segundo Simone de Beauvoir, ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, económico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermédio entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Só a medição de outrem pode constituir um indivíduo como outro. (1997: 13).

## 1.7 - Mitos sobre o agressor e a mulher agredida

### O agressor

Existe um estereótipo de que as pessoas culpadas de violência são pessoas de aspecto agressivo, dominantes e machistas. Muitos vitimadores são pessoas que se vêem bem socialmente. Em muitos casos, costumam actuar de tal modo quer é difícil acreditar que sejam agressores. Em geral, não se mostram dominantes e, contra tudo que se crê, em muitos casos actuam como se estivessem de acordo com as reivindicações sociais das mulheres. Na intimidade de seus lares, é outra história.

Muitos agressores utilizam uma linguagem que costuma ser ambígua e que de alguma maneira pretende minimizar ou justificar suas acções. Costumam a falar de simples brigas, perda de controlo, raiva incontida, defesa própria ou fúria cega.

Muitas pessoas acreditam que os agressores têm problemas mentais, mas a realidade diz o contrário. São indivíduos normais com condutas violentas aprendidas. Em geral, os agressores não costumam ser agressivos com pessoas fora do seu círculo familiar. É uma conduta calculada com premeditação.

### Mitos sobre o agressor

**É um doente mental:** ainda que seja um mito bastante difundido está muito longe de ser assim. A maioria dos agressores é gente normal e em geral dá mostras de ter um bom controlo das suas emoções. Não têm condutas psicóticas ou neuróticas em público.

O problema está em interagir com as pessoas que dizem amar.

Por outro lado, frequentemente, o que apresenta sinais de alteração psicológica é o agredido. A vítima costuma ser emocionalmente estável; tem condutas que beiram a neurose e, aos olhos das pessoas de fora, ela é a doente, o que de algum modo serve para assegurar ou justificar o agressor: “o coitado! Como suportou”.

O que muitos não conseguem perceber é que o agressor chegou a esse estado por um processo de viver constantemente submetido à agressão. Como o agressor não é agredido, normalmente parece mais saudável psicologicamente.

**A violência só acontece em lares onde se consome álcool ou drogas:** esse é o mito mais profundo, que tem a vantagem de servir aos agressores de justificativa para sua agressão. Entretanto, numerosos estudos demonstram que não há uma correlação estreita entre consumo de álcool – drogas e violência. Se bem que a agressão se torne mais complexa frente à presença de drogas, o vício não é causador da violência. Pelo contrário, muitos agressores continuam violentos mesmo após ter superado o vício. A conclusão a que chegaram alguns pesquisadores é que os agressores consomem álcool para converter-se em agressores e animar-se. É necessário buscar outras causas para a violência intrafamiliar.

## **1.8 - Papel das autoridades governamentais na intervenção e prevenção da violência conjugal.**

E dever do estado apoiar vítimas de qualquer violência, em particular violência conjugal, criando condições especiais de atendimento para essa situação que geralmente é recorrente nos lares onde ela tem lugar, tendo a piorar com o passar do tempo, ou quando tem agravantes como alcoolismo, dificuldades financeiras, desemprego, etc.

Por isso vários estados nacionais, e organismos internacionais passaram a investir em políticas, e propostas para precaução da violência, contra mulher principalmente contra a violência conjugal. Sendo assim as autoridades locais “da cidade de Benguela” não fogem a regra, existem instituições criadas com objectivo de atendimento a casos de violência conjugal como por exemplo, a promoção da mulher, e outras instituições.

A seguinte investigação debruça-se também em relatos de entrevistas concebidas pelas autoridades locais ou instituições especializada ao assunto. A violência conjugal na cidade de Benguela nos últimos anos é um problema que se tem vindo a debater, visto que os números de casos tendem a aumentar, mas tem se confrontado com um grande problema; segundo relatos de uma entidade da investigação criminal de Benguela, tem constatado mesmo com abertura, e o apelo pela mídia, e outros, no que diz respeito a denúncias, ainda existe há pouca por parte do conjugue violentados. Relativamente as zonas

urbanas e suburbanas o que tem se constatado é o seguinte: as vítimas que mais prestam queixas são as da zona suburbana, as da zona urbanas pouco aparecem, e quando aparecem, talvez por um impulso; posteriormente voltam para se desculpar e retirar a queixa, outros ainda ficam com receio de fazer a queixa, por medo, vergonha, etc. O que muitas vezes dificulta o trabalho das autoridades tanto no plano estatístico como preventivo.

No ano 2010 foram registados na investigação criminal de Benguela 127 casos de violência, conjugal entre os quais 123 contra esposas, e 4 contra esposos, que correspondem a homicídios voluntários, ou ofensas corporais voluntárias, 130 casos de ofensas corporais foram remetidos ao tribunal (ou ministério público) os demais chegaram a um consenso, entre os casais, e outros foram arquivados.

O tratamento no caso de homicídio, para um dos conjugues, é a pressão, ofensas corporais voluntárias em geral são soltos e pagam uma calção, ou enviam para a promoção da mulher, existe um número, SOS 113 que serve, para atender casos de emergências gerais, não especificamente para violência conjugal, existem ainda outras redes de apoio, que controlam e tratam de casos relacionados com violência conjugal, nomeadamente rede mulher, promoção da mulher, centro de aconselhamento jurídico da (OMA) que resolvem problemas aconselhando, e encaminhando para a polícia os casos de crimes que necessitam de um julgamento. Sendo assim estas instituições possuem também a sua estatística dos casos que atendem.

Já dados obtidos juntos da promoção da mulher que também é uma instituição que apoia vítimas de violência conjugal, o seu atendimento é baseado na escuta de ambas as partes, formulando um convite e não uma notificação, ao agressor, passam pela escuta de ambas as partes como realçado anteriormente, posteriormente por um aconselhamento caso haja entendimento, ou satisfação por parte do casal, durante o aconselhamento encerra-se o caso e, continua um acompanhamento ao domicílio com vista ao acompanhamento do comportamento temporário do casal ao domicílio. Caso não haja entendimento, e também pela natureza do crime ou do problema, o caso é encaminhado para sala de família (tribunal). Quando o caso é agressão

física e logo encaminhado para técnica de investigação porque já se esta perante um crime.

Concluindo dizer que nesta instituição usam 3 passos no atendimento, que são: atendimento, aconselhamento, encaminhamento. Os instrumentos jurídicos que e o código da família, com o titulo habilidades no aconselhamento jurídico, também nota-se uma elevada presença da população da zona suburbana que procuram aos serviços, nota-se pouca fluência da população da zona urbana muitas vezes aparecem para fazerem a queixa depois de um tempo também retiram a queixa dizendo preservar a reputação do parceiro, e outros factores. Assim sendo dados estatísticos trimestrais dizem que foram registados no primeiro trimestre do ano corrente (2011) 84 casos de violência conjugal.

Já os serviços de atendimento a violência conjugal da OMA” Organização da Mulher Angolana” de entre várias atividades, também têm um gabinete de atendimentos, a vítima de violência conjugal, igualmente frisou uma maior aderencia de mulheres ao serviço e pertencendo a zona suburbana. Atendendo vários casos cujo atendimento não difere das outras instituições consultadas, utilizam o atendimento, aconselhamento, e encaminhamento, só que ai o aconselhamento e feito baseado na experiencia de vida, não tendo uma regra ou norma especifica a seguir, e os conselheiros são profissionais formado na área.

Relatos de agentes da polícia, destacados no piquete do Hospital Central de Benguela, revelam que há um número elevado de vítimas que recorrem aos serviços aos fins-de-semana, durante os dias normais, 4 ou 5 vitimas por dia, e os casos mais atendidos são casos de violência de homens contra mulheres, mas não querendo dizer com isso que não aparecem crimes de mulheres contra homens, o que se regista é que os homens nem sempre querem encaminhar o caso para a investigação criminal, talvez por vergonha de ter sido agredido pela mulher, ou por pena dela ser detida, e os filhos ficarem abandonados, já as mulheres não”palavras de um agente do piquete”

As vítimas são sempre tratadas da mesma forma, depois de serem atendidas pelo médico que faz o diagnóstico, se houver alguma anomalia, o

agressor é encaminhado para a investigação criminal e formar o processo e finalmente ao Ministério Público, caso seja um crime mais leve é encaminhado para a Promoção da Mulher.

## **PARTE II**

### **Objectivos gerais**

#### **Hipótese**

#### **Objetivo Geral**

Analisar quais as crenças que homens e mulheres Benguelenses (Angola) têm acerca da violência conjugal.

#### **Objetivos Específicos**

Identificar os tipos de crenças sobre violência conjugal mais prevalentes numa amostra de casais Angolanos da província de Benguela.

Verificar se existem diferenças de género, faixa etária, habilitações, estado civil e profissão quanto às crenças sobre violência conjugal

Este estudo terá um carácter exploratório, e será guiado pelas seguintes questões de investigação.

### **Questões de Investigação**

#### **Questão 1**

– Quais as crenças sobre violência conjugal mais prevalentes numa amostra de casais angolanos da província de Benguela.

#### **Questão 2**

– Existirão diferenças de género, faixa etária, habilitações, estado civil e profissão relativamente às crenças sobre violência conjugal.

## CAPÍTULO II

### Aspectos metodológicos

#### 1 - Desenho metodológico

O desenho do estudo é transversal. Com principal objectivo de avaliar as crenças sobre violência conjugal em casais angolanos na Província de Benguela em variáveis como idade, sexo, habilitações, estado civil e profissão.

#### 2 - Participantes

A população é constituída por casais residentes na Província de Benguela/Angola.

A amostra utilizada neste estudo é constituída por 332 indivíduos, sendo 163 homens e 169 mulheres distribuídos por diferentes classes sociais e diferentes Municípios da Província (Benguela, Lobito, Caimbambo e Cubal).

### 2.1- Caracterização da amostra

**Tabela 1- Distribuição por faixas etárias**

FAIXAS ETÁRIAS	Frequência	%
18-20	81	24,4
21-30	117	35,2
31-50	108	32,6
51-70	21	6,3
Total	337	98,5
Missing	5	1,5
Total	332	100,0

Conforme se pode ver na tabela 1 a maioria dos participantes situa-se na faixa etária dos 21-30 (35,2%) anos e dos 31-50 anos (32,6%), seguindo-se os 18-20 anos (24,4%). Menos representada encontram-se as faixas etárias acima dos 51 anos (6,3%)



**Tabela 2-Distribuição por Género**

Género	Frequência	Percentagem
Feminino	169	50,9
Masculino	163	49,1
Total	332	100,0

A tabela 2 mostra uma distribuição equitativa da amostra por género.

**Tabela 3- Distribuição por habilitações**

Nível académico	Frequência	Percentagem
Até 9ª classe	42	12,7
Ensino médio	232	69,9
Ensino superior	51	15,3
Total	325	97,9
Missing	7	2,1
Total	332	100,0

A tabela 3 mostra-nos a distribuição por habilitações. Conforme se pode ver há uma predominância do ensino médio (69,9%), com o ensino superior (15,3%) e a habilitação até 9ª classe (12,7%) menos representadas.

**Tabela 4- Distribuição por Estado Civil**

Estado civil	Frequência	Percentagem
Solteiro	218	65,7
Casado + União facto	96	28,9
Divorciado+Separado + Viuvo	14	4,2
Total	328	98,8
Missing	4	1,2
Total	332	100,0

A tabela 4 mostra-nos que a maioria dos participantes são solteiros (65,7%), seguindo-se a união de facto (24,7%). Menos representados estão os casados, divorciados e viúvos.

**Tabela 5- Distribuição por Profissão**

Profissão	Frequência	Porcentagem
Funcionário público	236	71,1
Outras*	91	27,4
Total	327	98,5
Missing	5	1,5
Total	332	100,0

- Incluíram-se em Outras, comerciantes, camponeses, domésticas, mecânicos, pedreiros

A maior parte da amostra (tabela 5) é representada por funcionários públicos, estando as restantes profissões (27,4%) muito menos representadas.

### 3 - Instrumento

O instrumento que será utilizado neste estudo é a Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (ECVC) de Machado, Matos e Gonçalves (2006). Esta escala, de tipo “papel e lápis” e de auto-preenchimento, é composta por 25 afirmações e permite “avaliar as crenças em relação à violência física e psicológica exercida no contexto de relações de tipo conjugal” (Machado, Matos & Gonçalves, 2006). Pode ser aplicada individualmente ou em grupo, e não tem tempo limite.

Cada item é seguido de uma escala de respostas ordinal de 5 pontos, tipo Likert, na qual 1 corresponde a “discordo totalmente”, 2 a “discordo”, 3 a “não concordo nem discordo”, 4 a “concordo” e 5 a “concordo totalmente”. Os itens são depois cotados de 1 a 5 pontos consoante as respostas dadas, sendo que todos os itens estão formulados no mesmo sentido.

Podem também ser discriminadas 4 subescalas, ou factores, que segundo Machado, Matos e Gonçalves (2006) explicam grandes percentagens da variância deste instrumento e nos permitem perceber melhor o tipo de crenças específicas envolvidas na tolerância à violência. São eles o factor “Legitimação e banalização da pequena violência”, “Legitimação da violência pela conduta da mulher”, “Legitimação da violência pela sua atribuição a causas externas”, e “Legitimação da violência pela Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010 3208, preservação da privacidade Familiar”. A pontuação de cada um destes factores é calculada através da soma da pontuação dos itens que a integram.

Alguns termos serão rectificados como: extra conjugais e agredir, sendo enquadrados a nossa realidade. Assim passarão para “fora do casamento e bater.

## **Procedimento**

O presente trabalho foi realizado com uma amostra de participantes da Província de Benguela, dos municípios de: Benguela, Lobito, Caimbambo e Cubal.

Foram contactadas diversas instituições (Polícia Nacional, Organização da mulher Angolana (OMA), Promoção da Mulher, Soba, Procuradoria Geral da República), de forma a obter as autorizações necessárias á recolha dos dados junto das diversas populações pretendidas.

O preenchimento dos questionários foi realizado de forma totalmente anónima, sendo apenas recolhidas as informações que constam nos mesmos (idade, estado civil...) e com o consentimento informado dos participantes. Os dados recolhidos foram inseridos no software estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences) tendo sido efetuadas análises com base na estatística descritiva, para caracterização da amostra e das crenças mais frequentes e inferencial (testes t e ANOVA) para as comparações por género, idade, habilitações.

## Resultados

### Resultados relativos à prevalência de crenças sobre violência conjugal por género e para a amostra total

**Tabela 6.** Valores de moda (resposta mais frequente) por item, para a amostra total e por géneros

ITENS	Moda	Moda	Moda
	Amostra Total	Mulheres	Homens
<b>1. O problema maus tratos afeta pequena percentagem</b>	4	4	4
2. Maus tratos ocorrem famílias baixo nível educacional	1	1	2
<b>3. Maus tratos só ocorrem quando há problemas familia</b>	4	4	4
<b>4. Mais importante crianças é família unida mesmo viol</b>	4	4	4
<b>5. Mulheres quererem direitos como homens=viol casal</b>	4	3	4
<b>6. Abuso álcool causa violência</b>	4	5	4
<b>7. Preocupação mulheres mal tratadas só separa fam.<sup>a</sup></b>	4	4	4
<b>8. Homens batem mulheres só quando cabeça perdida</b>	4	4	4
<b>9. Mulheres boas esposas não são maltratadas</b>	5	4	5
10. Homens agredem mulheres porque tem relações fora	3	3	3
11. Parceiro infiel merece ser maltratado	2	2	3
12. Se meu parceiro insulta tenho razão para o agredir	2	2	2
13. Algumas mulheres merecem que lhes batam	2	2	2
14. Homem direito castigar mulher não cumpre dever conj	2	2	2
<b>15. Polícia deve acalmar ânimos e reconciliar casal</b>	4	4	4
16. Dar bofetada parceiro quando irritado é normal	2	2	1
<b>17. Violência conjugal assunto privado resolver em casa</b>	4	4	4
<b>18. Os insultos são normais entre casal</b>	4	2	4
<b>19. Mulher retirar queixa maustratos marido pede descul</b>	4	2	4
20. Se permanecem relação violent é porque merecem	2	2	2
21. Entre marido e mulher não meter colher	2	2	3
22. Uma bofetada não magoa ninguém	2	2	2
<b>23. Algumas mulheres fazem homens perder cabeça bat</b>	2	2	4
24. Maridos e mulheres sempre se bateram. É natural	2	2	1
25. É mais aceitável homem bater mulher que contrário	2	2	3

Relembramos que cada item é respondido numa escala de 1 a 5, sendo que as cotações 4 e 5 correspondem respetivamente a respostas de “Concordo” e “Concordo Fortemente.

A distribuição das respostas mais frequentemente escolhidas para cada item (Moda), mostram que, para a amostra total, o item 9 (“Se as mulheres se portarem como boas

esposas não serão maltratadas”), merece Forte Concordância. Também os itens 1 (“Maus tratos afetam pequena percentagem da população”), 3 (“Maus tratos só ocorrem quando há outros problemas dentro da família”), 4 (“O mais importante para a criança é que a família permaneça unida mesmo quando há violência no casal”), 5 (“É a ideia das mulheres quererem ter tantos direitos como os homens que causa problemas nos casais”), 6 (“A causa da violência é o abuso de álcool”), 7 (“A preocupação com as mulheres que são maltratadas no casamento só serve para separar as famílias”), 8 (“Os homens só batem nas mulheres quando estão de cabeça perdida por algum problema nas suas vidas ou algo que elas fizeram”), 15 (“Em casos de violência conjugal a polícia deve apenas tentar acalmar os ânimos e reconciliar o casal”), 17 (“A violência conjugal é um assunto privado que deve ser resolvido em casa”), 18 (“Os insultos são normais no casal”) e 19 (“Uma mulher deve retirar a queixa de maus tratos contra marido sempre que este lhe pedir desculpa”).

Os resultados por género mostram que as mulheres tendem a valorizar mais a questão 6 (“A causa da violência é o abuso de álcool”), que cotam com mais frequência com 5, enquanto os homens tendem a valorizar mais a questão 5 (“É a ideia das mulheres quererem ter tantos direitos como os homens que causa problemas nos casais”) que cotam com mais frequência como 5.

Há concordância entre homens e mulheres (cotação 4) nos itens 1 (“Maus tratos afetam pequena percentagem da população”), 3 (“Maus tratos só ocorrem quando há outros problemas dentro da família”), 4 (“O mais importante para a criança é que a família permaneça unida mesmo quando há violência no casal”), 7 (“A preocupação com as mulheres que são maltratadas no casamento só serve para separar as famílias”), 8 (“Os homens só batem nas mulheres quando estão de cabeça perdida por algum problema nas suas vidas ou algo que elas fizeram”), 17 (“A violência conjugal é um assunto privado que deve ser resolvido em casa”).

**Tabela 7. Médias e DP em cada item, para o resultado total de crenças sobre violência conjugal para a amostra total e por género**

	Mulheres		Homens		Amostra Total	
	Média	DP	Média	DP	Média	DP
<b>Quest1)</b>	<b>3,46</b>	<b>1,253</b>	<b>3,67</b>	<b>1,207</b>	<b>3,56</b>	<b>1,233</b>
Quest2)	2,53	1,339	2,80	1,387	2,66	1,368
<b>Quest3)</b>	<b>3,37</b>	<b>1,294</b>	<b>3,67</b>	<b>1,190</b>	<b>3,52</b>	<b>1,251</b>
<b>Quest4)</b>	<b>3,41</b>	<b>1,376</b>	<b>3,65</b>	<b>1,325</b>	<b>3,53</b>	<b>1,354</b>
Quest5)	3,09	1,279	3,30	1,197	3,19	1,242
Quest6)	3,27	1,391	3,34	1,258	3,30	1,326
Quest7)	3,32	1,212	3,25	1,291	3,29	1,250
Quest8)	3,28	1,318	3,49	1,206	3,39	1,267
Quest9)	3,21	1,399	3,87	1,196	3,54	1,343

Quest10)	3,01	1,284	3,00	1,305	3,00	1,293
Quest11)	2,53	1,174	2,71	1,224	2,62	1,200
Quest12)	2,28	1,101	2,31	1,116	2,30	1,107
Quest13)	2,43	1,157	2,50	1,266	2,47	1,211
Quest14)	2,24	1,121	2,41	1,228	2,32	1,176
<b>Quest15)</b>	<b>3,76</b>	<b>1,175</b>	<b>3,72</b>	<b>1,226</b>	<b>3,74</b>	<b>1,199</b>
Quest16)	2,26	1,063	2,22	1,151	2,24	1,105
Quest17)	3,04	1,431	3,21	1,424	3,12	1,428
Quest18)	2,81	1,249	2,84	1,279	2,83	1,262
Quest19)	2,71	1,302	3,20	1,383	2,95	1,362
Quest20)	2,25	1,130	2,58	1,243	2,41	1,196
Quest21)	2,87	1,330	3,07	1,263	2,97	1,299
Quest22)	2,28	1,143	2,24	1,130	2,26	1,135
Quest23)	2,64	1,302	2,94	1,263	2,78	1,290
Quest24)	2,25	1,152	2,47	1,232	2,36	1,196
Quest25)	2,65	1,239	2,97	1,307	2,81	1,281
Totalgeral	70,9509	15,29035	75,4263	14,58390	73,1482	15,09238
F1LegitimViolNormalidade	42,2031	10,91406	45,3456	10,17649	43,7460	10,65922
F2LegitimViolCondutaMulhe	28,0264	6,87606	29,7844	6,88291	28,8895	6,92519
F3LegitimViolCausasExtern	25,2794	5,71604	26,5102	5,73837	25,8837	5,75146
F4LegitimViolPrivacFamiliar	20,0815	4,39327	21,2154	4,29543	20,6382	4,37593

Relembramos que cada item é respondido numa escala de 1 a 5 (discordo totalmente a concordo totalmente. Assim, tendo em conta as cotações médias para cada item, verifica-se que a grande maioria se situa entre o 2 (discordo) e o 3 (nem concordo nem discordo).

Nota-se no entanto que nos itens 1 (Os maus tratos afetam percentagem baixa da população), 3 (só ocorrem quando há problemas dentro da família), 4 (família permanecer unida mesmo quando há violência, melhor para criança) e 15 (a polícia deve apenas acalmar os ânimos e tentar reconciliar casal), a tendência é mais para a cotação entre 3 e 4 (entre não concordo nem discordo e concordo), o que denota uma tendência de homens e mulheres para manterem estas crenças mais arraigadas.

Também será de sobressair que, os homens apresentam sempre médias de classificação em cada item e nos totais geral e por fatores, superiores às das mulheres.

**Tabela 8.** Frequências de respostas 4 (concordo) e 5 (concordo fortemente) a cada item para a amostra total e por gênero

	Mulheres		Homens		Amostra Total	
	%	%	%	%	%	%
	Cotação 4	Cotação 5	Cotação 4	Cotação 5	Cotação 4	Cotação 5
<b>Quest1)</b>	<b>39,1</b>	<b>21,3</b>	<b>42,9</b>	<b>25,8</b>	<b>41</b>	<b>23,5</b>
Quest2)	13,6	11,2	19,6	15,3	16,6	13,3
<b>Quest3)</b>	<b>36,7</b>	<b>20,7</b>	<b>41,7</b>	<b>26,4</b>	<b>39,2</b>	<b>23,5</b>
<b>Quest4)</b>	<b>30,8</b>	<b>27,2</b>	<b>33,7</b>	<b>32,5</b>	<b>32,2</b>	<b>29,8</b>
Quest5)	23,1	16,6	30,1	17,2	26,5	16,9
Quest6)	24,3	24,9	31,9	19,6	28	22,3
<b>Quest7)</b>	<b>37,9</b>	<b>15,4</b>	<b>27</b>	<b>20,2</b>	<b>32,5</b>	<b>17,8</b>
<b>Quest8)</b>	<b>33,7</b>	<b>16,6</b>	<b>37,4</b>	<b>20,9</b>	<b>35,5</b>	<b>18,7</b>
<b>Quest9)</b>	<b>30,2</b>	<b>21,9</b>	<b>28,8</b>	<b>39,9</b>	<b>29,5</b>	<b>30,7</b>
Quest10)	21,3	15,4	16,6	17,8	19	16,6
Quest11)	17,8	5,9	14,1	10,4	16	8,1
Quest12)	7,7	5,9	9,8	4,9	8,7	5,4
Quest13)	17,8	4,1	16	8,6	16,9	6,3
Quest14)	9,5	5,3	15,3	6,7	12,3	6
<b>Quest15)</b>	<b>38,5</b>	<b>30,2</b>	<b>33,7</b>	<b>31,3</b>	<b>36,1</b>	<b>30,7</b>
Quest16)	11,8	3	11	4,9	11,4	3,9
Quest17)	27,2	18,3	25,8	23,3	26,5	20,8
Quest18)	24,9	8,9	29,4	8,6	27,1	8,7
Quest19)	21,3	10,1	22,7	22,7	22	16,3
Quest20)	8,9	5,3	14,1	9,8	11,4	7,5
Quest21)	20,7	14,2	22,1	16	21,4	15,1
Quest22)	9,5	5,9	8,6	5,5	9	5,7
Quest23)	18,3	10,7	27,6	11	22,9	10,8
Quest24)	7,1	6,5	16	6,7	11,4	6,6
Quest25)	18,9	8,3	22,1	14,7	20,5	11,4

A tabela 8 mostra-nos as frequências de respostas concordo (4) e concordo totalmente (5) para o total da amostra e por gênero. Sinalizamos a bold as principais crenças que mostram mais de 50% de concordância e forte concordância, as quais correspondem às questões 1 (problema maus-tratos afeta pequena percentagem), 3 (Maus-tratos só ocorrem quando há problemas família), 4 (Mais importante crianças é família permaneça unida mesmo com violência), 7 (Preocupação com mulheres maltratadas só separa famílias) 8 (Homens batem mulheres quando de cabeça perdida por problemas ou algo

mulher fez), 9 (Mulheres boas esposas não são maltratadas) e 15 (Polícia deve acalmar e reconciliar casal)

## Resultados relativos á comparação entre géneros

**Tabela 9.** Diferenças de género quanto a resultados totais e para cada fator

	Género (média/DP)		Testes t		
	Homens	Mulheres	T	Df	p
<b>Total geral</b>	75,43/14,58	70,95/15,29	- 2,727	330	<b>0,007</b>
<b>Fator 1</b>	45,35/10,18	42,2/10,91	- 2,711	330	<b>0,007</b>
<b>Fator 2</b>	29,78/6,88	28,03/6,88	- 2, 328	330	<b>0,021</b>
<b>Fator 3</b>	26,51/5,74	25,28/5,72	- 1,958	330	0,051
<b>Fator 4</b>	21,22/4,3	20,08/4,39	- 2,377	330	<b>0,018</b>

Fator 1 – legitimação e banalização da pequena violência; Fator 2 – legitimação da violência pela conduta da mulher; Fator 3 – legitimação da violência por atribuição a causas externas; Fator 4 – legitimação da violência por preservação da privacidade familiar

A tabela 9 mostra-nos a existência de diferenças entre homens e mulheres quanto a crenças sobre violência conjugal em geral,  $t(330)=-2,727$ ,  $p=0,007$  e para o fator 1,  $t(330)=-2,711$ ,  $p=0,007$ , fator 2,  $t(330)=-2,328$ ,  $p=0,021$  e fator 4,  $t(330)=-2,377$ ,  $p=0,018$ , apresentando sempre os homens valores mais elevados de crenças do que as mulheres. Só para o fator 3 não existem diferenças de género,  $t(330)=-1,958$ ,  $p=0,051$ .

-----

## Resultados relativos á comparação entre funcionários públicos e outras profissões

**Tabela 10.** Diferenças entre funcionários públicos e outras profissões quanto a resultados totais e para cada fator

	Testes t		
	T	df	P
<b>Total geral</b>	1,447	325	0,149
<b>Fator 1</b>	1,294	325	0,197
<b>Fator 2</b>	1,917	325	0,056
<b>Fator 3</b>	0,944	325	0,346
<b>Fator 4</b>	1,230	325	0,220

Fator 1 – legitimação e banalização da pequena violência; Fator 2 – legitimação da violência pela conduta da mulher; Fator 3 – legitimação da violência por atribuição a causas externas; Fator 4 – legitimação da violência por preservação da privacidade familiar

A tabela 10 mostra-nos que não existem diferenças entre funcionários públicos e as restantes profissões quer quanto aos valores totais, quer quanto a cada um dos fatores da ECVC.



## Resultados relativos á comparação entre faixas etárias

**Tabela 11.** Diferenças entre faixas etárias quanto a resultados totais e para cada fator

	Testes ANOVA		
	F	Df	P
<b>Total geral</b>	1,547	3	0,202
<b>Fator 1</b>	1,024	3	0,382
<b>Fator 2</b>	1,466	3	0,224
<b>Fator 3</b>	2,065	3	0,105
<b>Fator 4</b>	1,712	3	0,164

Fator 1 – legitimação e banalização da pequena violência; Fator 2 – legitimação da violência pela conduta da mulher; Fator 3 – legitimação da violência por atribuição a causas externas; Fator 4 – legitimação da violência por preservação da privacidade familiar

A tabela 11 mostra-nos que não existem diferenças entre faixas etárias quer quanto aos valores totais, quer quanto a cada um dos fatores da ECVC.

## Resultados relativos á comparação entre habilitações

**Tabela 12.** Diferenças entre habilitações quanto a resultados totais e para cada fator

	Testes ANOVA		
	F	df	P
<b>Total geral</b>	22,411	2	<b>0,000</b>
<b>Fator 1</b>	13,885	2	<b>0,000</b>
<b>Fator 2</b>	17,593	2	<b>0,000</b>
<b>Fator 3</b>	24,504	2	<b>0,000</b>
<b>Fator 4</b>	14,992	2	<b>0,000</b>

Fator 1 – legitimação e banalização da pequena violência; Fator 2 – legitimação da violência pela conduta da mulher; Fator 3 – legitimação da violência por atribuição a causas externas; Fator 4 – legitimação da violência por preservação da privacidade familiar

A tabela 12 mostra-nos que existem diferenças entre habilitações quer quanto aos valores totais,  $F(2) = 22,411$ ,  $p < 0,001$ , quer quanto a cada um dos fatores da ECVC. Os testes post hoc (Schaeffe) mostram que essas diferenças, quer para os resultados totais quer para cada um dos fatores, se situam entre os detentores de ensino médio (com valores médios mais elevados) e os restantes dois grupos (analfabetos a 9º ano e ensino superior), os quais apresentam valores médios menores e sem diferenças entre si.

## Resultados relativos á comparação entre estado civil

**Tabela 13.** Diferenças entre estado civil quanto a resultados totais e para cada fator

Testes ANOVA			
	F	df	P
<b>Total geral</b>	0,862	2	0,423
<b>Fator 1</b>	0,691	2	0,502
<b>Fator 2</b>	1,585	2	0,207
<b>Fator 3</b>	1,654	2	0,193
<b>Fator 4</b>	0,332	2	0,718

Fator 1 – legitimação e banalização da pequena violência; Fator 2 – legitimação da violência pela conduta da mulher; Fator 3 – legitimação da violência por atribuição a causas externas; Fator 4 – legitimação da violência por preservação da privacidade familiar

A tabela 13 mostra-nos que não existem diferenças entre estado civil quer quanto aos valores totais, quer quanto a cada um dos fatores da ECVC.

## Discussão

Em primeiro lugar, é importante salientar que no geral os resultados mostram que os indivíduos inquiridos tendem a não expressar crenças de legitimação da violência doméstica, sendo que a grande maioria das respostas apontava para a não concordância com as afirmações do questionário. No geral não existe diferenças significativas, o que nos mostra que a profissão não influencia nas crenças sobre violência conjugal, estes resultados estão de acordo com dados de Beck (1979;1990), afirma que a forma como interpretamos e avaliamos aquilo que nos rodeia depende em grande medida de fenómenos cognitivos dotados de alguma estabilidade, as crenças, que são desenvolvidas desde a infância e ao longo da vida dos indivíduos.

Apesar de os níveis de legitimação em geral terem sido bastante baixos, é de notar que os sujeitos inqueridos mostraram alguma tendência para apresentar valores mais altos no fator legitimação e banalização da pequena violência, Ravazzola (1998) dá-nos algumas pistas acerca dos motivos para este resultado, tendo descoberto que, ocorre em muitas pessoas uma anestesia ou duplo cego, a pessoa fica incapaz de perceber o que faz, sentindo-se vítima, não percebendo os sentimentos dos outros e nem consegue nomear sua insegurança.

Comparando os indivíduos por faixa etária notou-se que não há diferença significativa nas respostas dadas, isto dá-nos a perceber que a violência nada

tem a ver com a idade, mas os meios de comunicação têm influenciado de modo significativo no comportamento, na maneira de pensar dos indivíduos, tudo parece normal, como afirma Núnes (2005), muitas famílias dos meios de comunicação, seja em filmes, telenovelas ou noticiários, são apresentados com sérios problemas de convivência como se isso fosse norma, quando na realidade não é.

No que diz respeito aos resultados entre géneros, constatámos que os homens obtiveram valores sistematicamente mais elevados do que as mulheres em todos os fatores e na escala em geral, indicando uma posição mais desculpabilizante e de menor seriedade face a este tipo de problema\_o que surge em concordância com outras investigações (CFEMEA 2007,p.16).Estes autores defendem também que as mulheres tendem a mostrar-se mais sensíveis a este tipo de situação, a empatizar mais com o papel feminino, a considerar a situação como mais grave, e a culpabilizar mais o homem pela ocorrência das agressões.

Finalmente, ao analisarmos a relação entre os resultados obtidos e as habilitações académicas dos indivíduos, constatamos que quanto mais elevado o grau académico dos indivíduos mais baixos foram os resultados obtidos na escala, sendo que aqueles que possuem habilitações superiores (licenciaturas, mestrados) obtiveram sempre os resultados mais baixos.

Constatei portanto que a maioria dos resultados obtidos neste estudo está em concordância com as investigações do mesmo género efetuadas noutros países. No entanto, este estudo constituiu um grande passo em frente relativamente à literatura científica existente, pois além de constituir a primeira investigação do género alguma vez conduzida em Benguela foram também recolhidos e comparados dados provenientes de vários grupos diferentes ao invés de focar um grupo apenas. Além disso, os dados foram também analisados à luz de outras variáveis importantes, o que contribuiu para aumentar a riqueza do estudo.

Com os dados encontrados já é possível responder as questões que guiaram este trabalho.

Quanto a questão 1, os homens acreditam que se as mulheres não cumprirem com os seus deveres, devem ser castigados, pois, para eles as mesmas não estão a cumprir com os seus deveres.

Relativamente a questão 2, no que toca a faixa etária, estado civil e profissão, não existem diferenças significativas, já em relação ao género e habilitações existem diferenças significativas.

## Conclusão

Tendo em consideração os objetivos traçados, as questões formuladas e a metodologia usada neste trabalho, pode-se concluir que, à luz da realidade Angolana, o E.C.V.C constitui um instrumento que se caracteriza pela sua viabilidade e pertinência na avaliação da violência conjugal.

A violência é um problema que nos diz respeito, se não a enfrentarmos, cedo ou tarde acaba por nos prejudicar a todos. Mesmo quem nunca sofreu violência doméstica, certamente conhece alguém que passa por isso. Temos de ajudá-las a romper o silêncio.

Como afirma Fernandes, 1998, «o casamento deixou de ser um pacto para toda a vida, proporcionando, acima de tudo as condições de realização de cada um dos parceiros. As relações íntimas ganharam, assim, em intensidade mas perderam em durabilidade».

Perante as exigências quer do casal quer da atividade profissional, torna-se complicado para os indivíduos conciliarem os interesses do nós casal, do nós família, como os do eu (Singly, 2000:11-12).

Hoje os homens não querem saber, batem as suas esposas na rua, frente aos filhos, o mais agravante são as ofensas morais. Quando se bate a dor com o tempo passa, mas quando se fere a "alma", aí o caso é diferente.

Falo mais das mulheres porque no nosso país os homens pouco vão a Promoção da Mulher, por vergonha, por medo de ser gozado, dos 100%, apenas 10% consultam esta instituição.

Apesar de os resultados obtidos indicarem a ocorrência de grandes progressos na forma como a violência doméstica é encarada (tendo deixado de ser aceitável a adoção de atitudes permissivas, tolerantes ou que impliquem "fechar os olhos" a situações deste género), não podemos ter como certo que estas alterações públicas se traduzam em grandes alterações na esfera do privado.

As dificuldades sentidas na recolha dos dados para este trabalho dão-nos algumas indicações neste sentido, na medida em que o tema do mesmo originou respostas de evitamento e de desconforto em alguns indivíduos, principalmente aos bacharéis, licenciados. Assim, podemos intuir que apesar de muitos assumirem publicamente posturas de severa condenação deste crime, não parece existir ainda frontalidade e abertura suficientes para uma abordagem totalmente desprovida de preconceitos e ideias pré-feitas.

Do estudo feito, mulheres afirmam que a principal causa da violência conjugal é o abuso do uso do álcool, enquanto que os homens afirmam que é pela conduta da mulher. Eles (homens) argumentam que as mulheres estão a confundir a nova lei em que as mesmas têm os mesmos direitos.

As mulheres aceitam ser violentadas, porque acreditam que assim podem manter a família unida.

Para além do avanço científico que este estudo almeja representar, os dados aqui obtidos poderão também servir como base para uma abordagem prática deste problema.

Em investigações futuras seria interessante obter dados de amostras de maior tamanho e com grupos mais equilibrados (relativamente aos géneros e às habilitações). Quanto mais dados obtivermos a cerca da forma como as pessoas veem e pensam a violência doméstica atualmente, mais fácil será a criação e adaptação de medidas eficazes para o seu combate, seja junto da população em geral ou junto de quem intervém diretamente neste tipo de situações e detém poder e influência para, aos poucos, tornar a experiência das vítimas o menos traumática possível.

O problema não está no governo, na lei, mas sim na consciência das pessoas; daí a importância de se criar programas de sensibilização como palestras, debates, conferências e a intervenção da mídia, a fim de encontrar novos meios e novas oportunidades de, aos poucos, abandonar formas simplistas de encarar aquilo que é, essencialmente, uma grave agressão e uma clara violação dos Direitos Humanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajzen, I. (1988). *Attitudes, Personality and Behavior*. Open University Press.
- Ajzen, I., & Cote, N. G. (2008). Attitudes and the Prediction of Behavior. In W.D.
- ÁNGEL, Nunes Miguel (2005). Amores que matam
- BARROSO, Zélia (2007). Violência nas relações amorosas, Lisboa. Edições Colibri.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., & Emery, G. (1979). *Terapia Cognitiva da Depressão*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Beck, A. T. (1990). *Cognitive therapy of personality disorders*. New York: Guilford
- Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010 3217
- CFMEA.2007 – Marlene Pereira.
- FERNANDES, António Teixeira (1998). O estado democrático e a cidadania. Porto: Edições Afrontamento.
- FLEMING, Manuela, (2003), “Entre o medo e o desejo de crescer”. Psicologia da adolescência. Edições Afrontamento.
- GLOBAL VOICES Português Angola aumento da violência doméstica ou conscientização? Janeiro, 2009.
- JORNAL DE ANGOLA, Outubro 2010.
- KELLERHLS, Jean; TROUTOT, Pierre-Yves & LAZEGA, Emanuel(1989). Microsociologia da Família. Lisboa: Publicações Europa-América.
- LOURENÇO, Nelson; LISBOA, Manuel (1992). Representações da violência, Lisboa: Cadernos do CEJ, 2, Ministério da Justiça.
- MINFAMU, ESTRATEGIAS E PROGRAMAS QUADRO ESTRATEGICO PARA A PROMOÇÃO DA IGUALDADE DO GENERO, ATE AO ANO DE 2002.
- MINFAMU, FNUAP, E UNIFEM, NOTAS SOBRE VIOLENCIA NA FAMILIA PREPARADO, PELA UNIDADE DE ESTATISTICA E PESQUIZA, LUANDA JULHO DE 2000.
- Ravazzola, M. C. (1997). “Doble Ciego” o “No Vemos que No Vemos”. Em M.C.
- Ravazzola (Org.), *Histórias Infames: los Maltratos en las Relaciones* (pp. 89-105). Buenos Aires: Ed. Paidós.
- Silva, E. C. (2006). *O agressor sexual de*

*crianças no contexto sócio-jurídico*. Monografia de Conclusão do Curso de Serviço Social, Universidade de Brasília.

RELATÓRIO, DO ESTUDO SOBRE A VIOLENCIA CONTRA A MULHER EM ANGOLA, LUANDA JUNHO DE 1997.

SARACENO, Chiara (1992). Sociologia da Família. Lisboa. Editorial Estampa.

SINGLY, François (2000). O Eu, o casal e a família. Lisboa: Publicações Dom Quixote

TORRES, Anália (2000). Casamento: Conversa a Duas Vozes e a Três Andamentos. A Relação entre a Vida Conjugal e o Trabalho, in Atas do IV Congresso Português de Sociologia. Atas 159, pp.1-16

VEIGA, Américo Martins, (1994) " A educação hoje". Perpetuo socorro, Portugal.

## **ANEXOS**

Para recolha de dados contactei algumas instituições, como a Organização da Mulher Angolana (OMA), o Instituto Médio Normal de Educação (IMNE) e utilizei também o inquérito Escala de Crenças sobre Violência Conjugal (E.C.V.C). Que passarei a descrever abaixo:

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**INSTITUTO MÉDIO NORMAL DE EDUCAÇÃO**  
**BENGUELA**

**A direção da escola**

**ASSUNTO: pedido de autorização para recolha de dados**

Zibilina Arlete Chicula de Mendonça, estudante do curso de Mestrado na especialidade de Psicologia Clínica na Cespu-Formação Angola.

Estando a elaborar o meu trabalho de fim de curso, precisando de recolha de dados para a elaboração do mesmo, com o tema: **Crenças sobre Violência conjugal em casais angolanos da Província de Benguela.**

Venho através desta carta pedir a direção da escola que me autorize a fazer essa recolha na vossa instituição.

Sem mais assunto, obrigada pela vossa compreensão.

Zibilina Arlete Chicula de Mendonça



Benguela, aos de Junho de 2011.